

Memórias de uma família
Negra Brasileira

Copyright © Walter Gualberto de Brito 2020

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico, sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA Siron Franco

EDITORIAÇÃO Luiz Guimarães

REVISÃO Antonio Victor

FOTOS Fornecidas pelo autor

2ª edição - 2020

B862m Brito, Walter Gualberto de,
Memórias de uma família Negra Brasileira / Walter Gualberto
de Brito - Rio de Janeiro, 2020.
212 p. il
1. Literatura, Brasil. I. Título

CDU 82-94 (81)

CDD 869.3B

ISBN: 978-65-87594-42-2

LETRA CAPITAL EDITORA

Telefones (21) 22153781 / 35532236

vendas@letracapital.com.br

www. letracapital.com.br

Walter Gualberto de Brito

Memórias de uma família
Negra Brasileira

LETRCAPITAL

A meus pais, Dejanira e Vespasiano,
grandes incentivadores em todos os momentos
da elaboração dos textos deste livro.

Aos amigos que contribuíram efetivamente
para que *Memórias de uma família Negra Brasileira*
se tornasse realidade: Antonio Victor, Carlos Michiles,
Eunice Lourenço, Ronald Barbosa e Cely Freitas.

Aos entrevistados desta obra
que se dispuseram a colaborar
com informações preciosas.

A meus familiares,
especialmente meus irmãos,
cunhados, cunhadas e sobrinhos
que caminharam comigo rumo
à realização deste sonho.

Sumário

Apresentação.....	9
Prefácio.....	11
Os Inquilinos da Casa Amarela	13
A sabedoria de dona Deja	23
Valquíria, a única filha de sangue do casal	26
A pior segunda-feira de Vespa, Deja e os meninos da Casa Amarela	34
De Dores do Indaiá para Formosa.....	47
Luta e paciência para ser porteira	50
De Pires do Rio para Formosa.....	51
A vez da família Dias.....	52
Da humildade à cúpula da magistratura	53
Mudando as regras do jogo	58
A Decana da Casa Amarela.....	60
Culinária refinada tem nome	61
Labutando no Americano do Brasil.....	62
Capítulo II O POVO	65
A marca da negritude na formação de um povo	65
Irmandade São Vicente de Paulo.....	71
Família Libanesa em Formosa	72
Descendência libanesa, religiosidade e medicina.....	76
Fazenda Boa Esperança e a inauguração de Goiânia... 80	
Brasília é inaugurada	83
Sulistas no desenvolvimento de Formosa	85
Algumas personalidades formosenses	87
92 Anos de história viva	87
Referência educacional	88
Ranchão de Palha	91
De Formosa para o Largo de São Francisco	91
Edna Lobo fez história no grupo Americano do Brasil... 96	

Do Americano do Brasil para a Sorbonne e Harvard . 98 Nilson Curado foi um dos maiores do Tribunal do Júri no Brasil.....	106
A sobrevivência das Casacas e Cartolas	116
Futebol da Casa Amarela	118
A Sociedade Preconceituosa Brasileira.....	120
Abolição.....	121
O conceito de raça.....	122
Ascensão social de uma personalidade negra	132
A Comunidade Negra é Marginalizada no Mercado de Trabalho	135
O Herói de Grande Caráter.....	141
Advogado de Proa.....	148
Primogênito da família Gualberto	150
Moda e racismo na convenção presidencial	159
Formosa faz história	163
Flores de Goiás também tem história.....	164
O homem do chapéu.....	166
O quilombo muda de rumo	168
A poesia é sua sina.....	171
Seguindo os passos de Zumbi.....	173
Fotos que marcaram a trajetória do Jornalista Walter Brito.....	179
A filha do único Marechal Negro do Brasil	184
A disputa pela direção da Fundação Cultural Palmares	185
Vila Boa: mais uma etapa	191
Maju fecha o tempo na TV Globo	198
Os 80 anos do rei Pelé!	203
Pelé deixa marca importante na noite de Brasília.....	207
Vidas Negras Importam.....	209

Apresentação

*M*emórias de uma família Negra Brasileira, do jornalista e profundo conhecedor das questões raciais no Brasil, Walter Gualberto de Brito, retrata mais um pedaço da memória nacional que ganha vida e análise. As reminiscências da brava gente de Formosa, Goiás, refletem a luta que esses heróis humanos travaram pela sobrevivência na casa amarela do Grupo Escolar Americano do Brasil, e trazem consigo referência ímpar na Formação básica dos formosenses e sua região, por mais de meio século.

Felicito o autor pela obra que enriquecerá as histórias de Goiás e do Brasil e colocará à disposição de todos o registro de uma luta de muitos anos e que ainda não terminou.

José Sarney

*Senador, membro da Academia Brasileira de Letras
e ex-presidente do Brasil*

Prefácio

As Memórias de uma família Negra Brasileira chegaram de forma discreta... Como quem nada quer, alojam-se em seu canto, enquanto, no entanto, encantos se fazem e, de repente, se revelam escravos de um silencioso ideal via educação e cultura – no ontem, para hoje, se revelarem muito mais, senhores.

Vespa e Deja, às vésperas da vida, costuram um tecido consistente e mostram, no transcurso da própria vida, esse tecido pronto, bem feito, acabado de modo impecável a quem queira ver. Os protagonistas de uma acre-doce história são pinçados de uma suposta vala comum e vão desafiando, passo a passo, a fórmula comum de fazer no trivial a diferença.

Walter Brito, o primogênito, conduzido ontem pelo casal, hoje é o condutor e, com olhar arguto, alma sensível e sábias mãos conduz com maestria o bonde dessa história. Walter Brito tem ritmo próprio, uma maneira peculiar de delimitar seu espaço nos mais variados cenários que a vida lhe apresenta, contracenando com uma gama variadíssima de atores. Pode parecer comum, e é, a expressão. Mas sou testemunha, de vezes incontáveis, em que Walter fez dos limões da existência as mais saborosas limonadas, as quais prova, aprova, saboreia e, então, brinda e serve aos ocupantes de sua mesa sempre cheia. Walter Brito, esse respeitável guerreiro a quem às vezes chamo de mestre, traz entranhado na alma o poder mitológico da Fênix e, numa única encarnação, já o vi renascer diversas vezes. Agora traz a lume a história ímpar de Dejanira e Vespasiano, num bem conduzido texto, pretexto exato para um contexto amplo, ancho, largo, muito maior do que parece. A história da negritude brasileira, sob a ótica desse militante ébano, é uma história positiva, propositiva, postulante de uma nova realidade dos filhos de África, dos

herdeiros da noite, dos descendentes de Zumbi. A história de uma família vencedora, capaz de driblar a tantas adversidades, a tantos desafios e tantas barreiras, mostra que, apesar de serem ainda tantos os desafios, é possível perceber e sentir que o Brasil se insere numa nova ordem mundial com feições mais definidas, mais próprias, orgulhosas até, da sua cor matriz, da sua cor motriz, da sua tez raiz, da raça matriarcal.

Antes, e durante as *Memórias de uma família Negra Brasileira*, eu vi um jornalista, vi um redator de mão cheia, vi um fervoroso advogado, vi um sociólogo, um diplomata, um democrata, um malabarista, um aparente náufrago, um comandante de navios, vi um leal e fiel amigo, vi um ser político, vi um estilista, um artista, um humanista, todos na figura de Walter Gualberto de Brito. Eu vi também um Walter polêmico, um prestidigitador, um Walter desafiado e desafiador. Eu vi Walter comemorando grandes e pequenas vitórias com grandes gargalhadas. Mas nunca vi Walter chorando. Porque a vida, para ele, é dádiva bendita e promessa firme de tempos melhores.

Este livro, palatável, saboroso, gostoso de se ler porque bem conduzido pela experiência e sabedoria do autor, destriça, de maneira despretenhosa, uma nova etapa da história da negritude do Brasil. Quanto a mim, sou muito grato. Grato por ter sido citado tantas vezes nessa história de uma cidade pequenina que tão bem reflete uma realidade nacional. Grato sou por ter sido, com tanta generosidade, acolhido e afagado pelos Gualberto de Brito.

O Brasil tem cor. O Brasil tem ética e etnia. O Brasil tem raça e o Brasil tem graça quando podemos ver que sua história pode ser escrita sob o prisma real dos *Inquilinos da Casa Amarela*.

Antonio Victor

Professor, escritor e poeta

Os Inquilinos da Casa Amarela

Na Casa Amarela viveram sete famílias em diferentes momentos. Todas elas foram comandadas por mulheres extremamente fortes e determinadas, certamente o exemplo clássico da sociedade matriarcal.

A primeira família que viveu naquela residência tornou-se referência da educação básica no município de Formosa, no Estado de Goiás, foi formada pelo casal Dejanira e Vespasiano.

Ele, alfaiate especializado em alta costura masculina. Ela, porteira e merendeira do então Grupo Escolar Americano do Brasil. O casal se conheceu no atelier do famoso alfaiate Chiquinho do Espírito Santo, marido de Dona Calu e pai de Zelma, que se notabilizou como a mais requisitada estilista de alta costura feminina em todos os tempos na cidade Formosa.

Eis que, aos 19 anos de idade, Vespasiano declinou de sua honrada profissão de peão de boiadeiro na sua terra natal Flores de Goiás, para aprender o ofício de alfaiate em Formosa. Na alfaiataria de Chiquinho do Espírito Santo, Vespasiano conheceu Dejanira, que era aprendiz de calceira. Vaidoso e com pretensões de se casar com moça bonita, prendada e direita, da cidade grande, logo se encantou pela comunicativa e charmosa Dejanira, como ela era conhecida. A novidade é que o namoro e o noivado duraram apenas cinco dias. O enlace matrimonial foi realizado em uma sexta-feira de primavera, no mês de outubro de 1951.

Vespasiano já casado e considerado oficial de alfaiate de mão-cheia, não encontrando serviços em sua profissão para sustentar a família em Formosa, resolve exercer suas atividades profissionais na cidade de Anápolis-GO. À época, a cidade de Anápolis ficava distante de Formosa um dia

de viagem. A estrada que dava acesso às duas cidades era de terra e praticamente intransitável, principalmente em dias de chuva. O único veículo que fazia o trajeto, uma vez por semana, era a jardineira do Zé Dez. Com o passar dos tempos, a Viação Anapolina foi criada e substituiu o Zé Dez. A Viação Anapolina o substituiu e ficou por longos anos como detentora da linha, até ser substituída pela viação Araguaína e outras.



Vespasiano chega a Anápolis com suas malas e se instala na pensão da dona Jorgina, uma prima de sua esposa Dejanira, que ficara em Formosa e aguardava o esposo que de tempos em tempos ia a Formosa ver a amada esposa. Em pouco tempo Vespasiano se tornou popular em Anápolis. A popularidade foi tamanha, que o alfaiate passou a ser chamado carinhosamente de Vespa, o mesmo nome genérico da marca

de uma motocicleta produzida na época. Era Vespa pra cá, era Vespa pra lá. No início, o ex-peão de boiadeiro de Flores de Goiás achou meio estranho, mas logo se acostumou com o diminutivo do nome. Tornou-se o Vespa de muitos amigos, do futebol aos domingos e da batalha diária no atelier do mestre alfaiate João Clemente, o novo patrão do esposo de Dejanira.

No atelier de João Clemente, Vespa convivia com cinco profissionais de alta costura masculina, que atuavam firme na produção intensa de roupas sob medida e na maneira de vestir os homens elegantes da segunda maior cidade do estado e arredores. Vespasiano era oficial de paletó, mas se gabava em saber fazer qualquer peça de roupa masculina: calça, colete, casaca, fraque, smoking, summer, casaco sobretudo, casaca, entre outros, e dizia: “Do jeito que vier eu traço”, sempre seguro de seu conhecimento na profissão que abraçou.

Vespa passava os finais de semana com os amigos nos campos de futebol, onde ele era o goleiro do time dos alfaiates. Outra diversão dele e seus jovens pares do atelier mais famoso de Anápolis, era tirar fotos na Praça Bom Jesus aos domingos, e sempre muito elegantes. As fotos eram enviadas para os familiares em suas respectivas cidades.

Em Formosa, Dejanira tinha declinado da profissão de calceira e conseguiu ser nomeada como porteira e merendeira do Grupo Escolar Americano do Brasil. A filha de dona Maria de Beija e do falecido Benjamim Carvalho Maia estava feliz como funcionária pública, pois tinha emprego garantido para o resto da vida. A segurança do emprego fixo sempre foi o sonho da determinada Dejanira. Entretanto, morando sozinha em Formosa, seus finais de semana eram mais difíceis que os do Vespa em Anápolis, pois batia a saudade do marido que estava ganhando a vida em uma cidade mais desenvolvida. Em seus domingos, Deja e sua mãe iam pela manhã à missa da Igreja Católica, onde rezavam e faziam seus pedidos e encontravam as amigas. Na parte da tarde, quando não se dirigia ao Asilo São Vicente com a mãe ou alguma amiga para